

LIVRO DE COÉLET

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de abril de 2026

INTRODUÇÃO

O livro, o autor e a época

O nome deste livro deriva da expressão hebraica *gobelet*, a qual, usada sem artigo, soa como se fosse o nome de uma pessoa. Em 12,8, aparece com artigo, mas o sentido não parece diferente. Neste caso, deveria ser entendido como um substantivo no feminino e esta categoria morfológica poderia normalmente designar uma função profissional. Em Esd 2,55 e Ne 7,57, aparece um nome de estrutura morfológica semelhante (*bassoféret/soféret*) que poderia ser do mesmo modelo e, neste caso, representaria um escriba. Nestes casos, a expressão está integrada numa lista de nomes. E, apesar de se tratar de uma forma feminina poderia representar uma função exercida por um homem.

A designação tradicionalmente usada como título deste livro é *Eclesiastes*; e ela deriva da tradução do nome hebraico para o grego *ekklasiastés*, mantendo provavelmente o mesmo sentido funcional. O uso e significado da palavra, tanto em hebraico como em grego, remete-nos para o contexto das assembleias, sejam de cariz litúrgico sejam de carácter cultural. Uma personagem receberia um tal nome por ser um membro destacado numa dessas assembleias. Os intérpretes que, ao longo da história, o situam em contexto de assembleia religiosa tendem a traduzir o nome desta personagem e do respetivo livro como o *Pregador*; quem entende tais assembleias como um ambiente académico-cultural poderia fazer equivaler esta função à de um *Mestre*.

Dado o teor e o espírito específico que exprime nos conteúdos deste livro, talvez o mais normal seja pensar que ele pode representar principalmente contextos culturais. Por detrás dos conteúdos deste livro singular estaria, por conseguinte, uma personagem de grande repercussão na vida cultural e espiritual da comunidade hebraica. Alguns seriam levados a pensar mesmo num mestre popular e peripatético, de teor mais cultural e filosófico do que propriamente litúrgico ou religioso.

A língua usada tem características de um hebraico claramente pós-exílico, próximo do hebraico da Mishná. São bastante claros alguns sintomas lexicais de origem persa, como sejam os termos *pardes*, significando jardim, pomar ou floresta, e *pitgam*, significando decreto ou decisão. A própria administração persa foi responsável por uma grande difusão do aramaico, que se transformou, primeiro, numa língua franca, e, depois, numa língua regional bem enraizada nas camadas populares, até mesmo na Palestina. Talvez isso não seja razão para sustentar uma composição original em aramaico, mas há casos reconhecidos de semânticas aramaicas em várias passagens. Se se aceitarem alguns indícios sobre diversos conhecimentos por parte do autor do Eclesiástico, como 3,12;7,14; 9,10; 11,9 a comparar com Sir 14,11-19; ou ainda

2,15-16 a comparar com Sir 41,11-13, então a data de composição do primeiro teria de ser antes do ano 180 a.C.

O contexto e a época, cujas marcas se podem assinalar como pano de fundo deste livro, situam-se no ambiente do hebraico da Palestina entre os finais do século III e os inícios do século II a.C. Nesta época a Palestina estava sob o domínio dos Ptolemeus, isto é, a dinastia dos Lágidas de Alexandria, herdeiros egípcios de Alexandre Magno. Corria ali uma cultura de helenismo de ambiente aristocrático; e um certo otimismo predispunha a uma boa receção judaica para os modelos do helenismo, coisa que, mais tarde, se veio a modificar bastante no âmbito da comunidade judaica palestinese.

Conteúdo

Várias das ideias e temas do livro de Coélet levam os estudiosos a pensar em influências de cultura helenista; estariam em jogo sobretudo preocupações e mentalidades marcantes daquela época. Alguns matizes de ceticismo, epicurismo e estoicismo são os aspetos mais frequentemente apontados pelos autores. Muitos exegetas, no entanto, pensam que as tendências para suscitar interrogações sobre certezas tradicionalmente garantidas constituíam igualmente uma característica da sabedoria oriental, já visível em anteriores práticas bíblicas, como o livro de Job, as quais, por sua vez, tinham raízes hoje conhecidas nas antigas literaturas da Mesopotâmia e do Egito.

Sejam tradicionais ou importados, os temas do livro de Coélet convivem igualmente bem com o espírito cultural difundido nos tempos do helenismo, sobretudo ao nível da cultura mais popularizada, onde prevalecem as mentalidades mais do que as fórmulas próprias das elites teóricas. Parece, no entanto, que este pensamento se pode considerar bastante fiel à tradição sapiencial bíblica e oriental, no sentido em que a dúvida, o ceticismo, as perplexidades e as aporias são intensas e sofridas, mas não são derrotistas nem radicalmente pessimistas. São frequentes os momentos de sintonia com o livro dos *Provérbios* e com alguns dos problemas e interrogações da ética e do sentido sintonizam bem com as interrogações expostas no livro de *Job*.

No seu conteúdo guerreiam-se sentimentos opostos e contrapõem-se os parâmetros da sabedoria com os resultados da experiência muitas vezes pesada e castigadora. Os seus conceitos principais traduzem este estado de espírito. Uma das suas fórmulas recorrente, “debaixo do Sol”, dá o cenário de enquadramento para este teatro experimental. Ela modera o balanço exagerado dos sonhos e constitui, por outro lado, o padrão para o ponto de equilíbrio e de realismo que propõe. A “ilusão” é o conceito com que exprime, em síntese, o estado final de desencanto, em que resultam as muitas experiências essenciais frustradas. O “proveito” é a moeda para ponderar os prós e os contras, nos difíceis negócios a empreender na contabilidade dos também “contados dias de vida”. O conceito de “sabedoria” concentra os dinamismos de recuperação em que, apesar de tudo, o autor continua sempre a acreditar. Ela é

o modelo de atitude que, em última análise, o autor parece recomendar aos seus leitores. O autor da conclusão viu bem que a palavra “sábio” podia ser a verdadeira chave para definir Coélet, a sua aventura e a sua tarefa (12,9-14).

Os temas mais destacados são situações de injustiça (3,16-22) e de opressão (4:1-3; 5,7-11); de inutilidade do esforço e do prazer (2,18-26; 4,4-8; 5,12-6,9); e de fragilidades da sabedoria (4,13-16; 6,10-12; 7,13-14.23-24; 8,16-9,10; 9,1-3). Não se esquece, porém, de sublinhar algum valor da sabedoria (9,13-18; 10,1-3). E afirma o valor da vida e a importância de não desperdiçar as suas alegrias e prazeres (9,4-10; 11,7-12,1). Esta atitude é algo urgente, perante as evidências insofismáveis da morte (9,7-10; 12,1-8). O final do autor principal é uma espécie de alegoria sobre o desmoronar do ser humano, com as forças que se esgotam, as luzes que se apagam, o espírito que se afasta e a vida que se afunda no poço do seu próprio mistério (12,2-7). Num rápido epílogo (12,9-14), alguém teve o cuidado de lembrar e caracterizar a pessoa do eminente mestre como um sábio, duma sabedoria que continua a valer a pena.

O Coélet deixa-nos também algumas mensagens sóbrias e positivas como recomendações bem prestáveis: um trabalho moderado, o gozo comedido dos prazeres da vida, nomeadamente amor, amizade e usufruto dos bens adquiridos, com sabedoria e temor de Deus. Apesar de todas as suas fragilidades e limitações, a vida vale ainda a pena ser vivida.

O essencial do pensamento do Coélet enquadra-se na fase de transformação cultural e teológica por que estava a passar o Israel desta primeira fase do helenismo.

Género literário

O género literário que mais se acomoda à variedade dos conteúdos tratados parece ser o de um diário de reflexões de um pensador. Esta voz da experiência como expressão de sabedoria cabia, por vezes, em formas de escrita codificada. O modo de um testamento régio poderia condizer com o tratamento simbólico que é dado à personagem central, apresentando-a como rei de Jerusalém e filho de David. Esta estratégia de construção da imagem autoral conduz à identificação simbólica com Salomão, que acabou por se transformar no paradigma bíblico de toda a sabedoria, sendo-lhe atribuída a autoria simbólica de vários outros livros sapienciais, como o Cântico dos Cânticos, os Provérbios, o Coélet e a Sabedoria.

Estrutura

A questão da estrutura não parece deixar-se esquematizar de forma clara e convincente. A maleabilidade do texto faz com que não seja fácil encaixá-lo numa esquematização lógica estrita, apesar de muitos tentarem empreendê-lo. Literariamente, adivinha-se alguma estruturação da parte do autor, usando como separador a fórmula conclusiva de *hébel* (“ilusão”), abrindo e concluindo com a grande fórmula de “ilusão das ilusões” (1,2 e 12,8) e destacando, de entrada, um poema sobre o lugar

do homem no cosmos e na história (1,3-11) e, no final, outro sobre o declinar da vida nos humanos (12,1-7).

Dentro deste enquadramento, aparecem cinco partes temáticas: 1) 1,12-2,26: experiências de um Salomão simbólico; 2) 3,1-4,16: contradições da sociedade humana; 3) 4,17-6,9: pilares da vida religiosa e social; 4) 6,10-8,14: sobre a sabedoria tradicional; 5) 8,15-12,7: convite à alegria e à ação.

Autoria

O texto poderia apresentar indícios de várias autorias. Estas podem deixar-se aperceber, nomeadamente no facto de a referência à personagem principal, Coélet, aparecer, ora em 1ª pessoa (2,1), ora em 3ª (1,1; 12,9-10). Muitas outras secções textuais identificadas como “eu”, mas sem aposição de um nome próprio, podem pertencer diretamente ao discurso da personagem Coélet, mas, dado o teor dos textos deste livro, podem também ter outras origens. As últimas frases da conclusão, por exemplo (12,12-14), poderiam representar um “eu” diferente, que teve como intenção oferecer uma chave final de leitura para os conteúdos, por vezes dialéticos e de difícil síntese, que esta obra, viva, original e meritória, apresenta.

PRÓLOGO

1 Título

¹Palavras^a de Coélet, filho de David, rei em Jerusalém^b.

Tudo passa

²Ilusão das ilusões – diz Coélet!

Ilusão das ilusões! Tudo é ilusão!^c

³Que proveito há para o homem em todas as suas fadigas
com as quais se afadiga^d debaixo do Sol?

⁴Uma geração vai e outra geração vem
e a terra permanece eternamente^e.

⁵O Sol desponta, o Sol põe-se
e suspira pelo seu lugar, para dali despontar de novo.

⁶O vento corre para sul e vira para norte;
corre, gira e vira.
O vento volta aos seus rodopios.

⁷Todos os rios correm para o mar
e o mar não está cheio.
O lugar para onde os rios correm,
é para ali que eles voltam a correr.

⁸Todas as palavras se esgotam;
um homem não se consegue exprimir^f.
A vista não se farta de ver,
nem o ouvido se enche de ouvir.

⁹Aquilo que foi é o que será

^a As mensagens divinas transmitidas por meio dos profetas costumam ser referidas como *palavra* de Deus. O singular, *Palavra*, significa, neste caso, mais importância e autoridade. O Coélet que apresenta pensamentos de um humano distingue-se por ter um título no plural, *palavras*. Algo semelhante ocorre com o livro dos Provérbios, que, em hebraico se intitulam: *mishlê Shelomoh* (Parábolas de Salomão).

^b Ao sublinhar a identidade simbólica com Salomão, o autor pretende apresentar a personagem do Coélet como um eminente representante da sabedoria (1Rs 9-14), aspeto que é, mais uma vez, sublinhado no epílogo da obra (12,9-11).

^c Esta frase constitui como que um refrão onde se contém a tese do livro. Por isso é retomada no epílogo (12,8). O termo hebraico *hebel* condiz bem com a ideia de uma coisa vã ou inútil, mais do que com a ideia de absurdo. Por isso aqui se traduz por *ilusão*.

^d O autor repete com frequência a aliteração que aqui se traduz por *fadiga* e *afadigar*-se, criando com esta expressão mais uma espécie de refrão uma fun

^e Nos vv. 4-11, temos um poema inicial sobre o carácter passageiro e efêmero de tudo o que acontece no mundo. Esta grande abertura corresponde ao belo poema de encerramento (12,1-8), sobre o processo final de decrepitude do humano.

^f Ou: *não para de falar*.

e o que foi feito é o que se fará.
Pois não há nada de novo debaixo do Sol.

¹⁰Há uma coisa da qual se diz:

«Olha! Isto é novo!»

Porém, já existia em tempos antigos;
existiu muito antes de nós.

¹¹Não há memória dos antigos;
e dos futuros que hão de existir,
também deles não haverá memória
entre os que viverão mais tarde.

Ambiguidade da experiência

¹²Eu, Coélet, fui rei de Israel, em Jerusalém; ¹³e apliquei o meu coração a procurar e investigar com sabedoria, sobre tudo o que se faz debaixo do céu. É uma tarefa pesada aquela que Deus deu aos humanos e que eles têm de suportar.

¹⁴Vi todas as atividades que se fazem debaixo do Sol
e eis que tudo é uma ilusão e um apascentar o vento^a.

¹⁵Aquilo que é torto não se consegue endireitar
e com aquilo que falta não se pode contar.

¹⁶Eu disse no meu coração o seguinte: «Eis que eu cresci e acumulei em sabedoria mais do que todos os que, antes de mim, reinaram em Jerusalém; e o meu coração contemplou muita sabedoria e conhecimento».

¹⁷Apliquei, também, o meu coração a conhecer a sabedoria e a reconhecer a loucura e a insensatez. Reconheci que também isso é apascentar o vento^b.

¹⁸Pois na muita sabedoria há muita arrelia; e o que aumenta o conhecimento aumenta o sofrimento.

^a Ou: *um mal de espírito*. Esta expressão é característica do Coélet e, por isso, é importante apurar o sentido que se lhe dá. Ela aparece frequentemente traduzida como *correr atrás do vento*. No entanto, o verbo hebraico não tem propriamente o sentido de correr e pode mesmo estar ligado à semântica de pastorear. *Apascentar o vento* é, com efeito, uma tarefa ilusória e inútil. Este sentido condiz bem com o contexto e com o espírito do Coélet. Ora esta metáfora encontra-se integralmente em Os 12,2, juntando a ideia de apascentar o vento e a de perseguir o vento leste, numa construção em esquema de paralelismo que serve como uma verdadeira definição de sentido. Ver nota da TOB a Co 1,14, que chama a atenção para as conotações de pastorícia presentes no texto hebraico. A *Bíblia Sagrada* (PIB-Paulinas) traduz por “afã de espírito”. A tradição semântica hebraico-aramaica conserva a ideia de um termo *ra’ut* com o sentido de doença: “um mal de espírito”. A Vulgata traduz “*afflictio spiritus*”, coisa que a Neovulgata mantém. No entanto, em Os 12,1, a Vulgata diz: “*Ephraim pascit ventum*” e a Neovulgata: “*Ephraim pascit ventum et sequitur aestum*”.

^b Ou: *um mal de espírito*. Cf. 1,14 e nota.

2 Ilusão dos prazeres

¹Então eu disse no meu coração: «Vamos! Quero experimentar a alegria; olha para o que é bom!» Mas eis que também isto é ilusão. ²Do riso eu disse: «É loucura!» e da alegria: «Para que serve ela?»

³Resolvi no meu coração entregar o meu corpo ao vinho. Embora o meu coração se conduzisse pela sabedoria, resolvi agarrar-me à loucura e poder ver o que é bom para os humanos, aquilo que eles devem fazer debaixo do céu, nos poucos dias da sua vida.

⁴Realizei grandes obras.

Construí casas para mim;

para mim plantei vinhas.

⁵Para mim fiz hortas e pomares

e neles plantei árvores de toda a espécie de fruto;

⁶para mim construí depósitos de água

para com eles regar a floresta, onde crescem as árvores.

⁷Adquirit servos e servas

e tive também os nascidos de casa.

Tinha também gado, bois e ovelhas;

tinha muito mais que todos os que existiram

antes de mim em Jerusalém.

⁸Para mim recolhi também prata e ouro,

riquezas de reis e de províncias;

procurei para mim cantores e cantoras.

Enfim, as delícias dos filhos dos homens,

uma mulher e mais mulheres^c.

⁹Tornei-me grande e juntei mais riqueza

que todos os que existiram

antes de mim em Jerusalém;

mas a minha sabedoria ficava comigo^d.

¹⁰E de tudo quanto os meus olhos queriam,

Nada lhes reneguei;

não privei o meu coração de nenhuma alegria,

pois o meu coração sentiu alegria

em todas as minhas fadigas;

e esta foi a parte que me ficou

de todas as minhas fadigas.

¹¹E voltei-me para todas as obras

que as minhas mãos tinham feito

e para as fadigas que me custou fazê-las.

^c Em vez de *uma e mais* mulheres, a Neovulgata entende como: *jarros e taças para servir bebidas*. Neste ponto, o texto hebraico não permite uma leitura clara.

^d Ou: *pois a minha sabedoria permanecia comigo*.

E eis que tudo era ilusão e apascentar o vento^a
e nenhum proveito havia debaixo do Sol.

¹²E pus-me a considerar a sabedoria,
a loucura e a insensatez.
Pois que será do homem
que venha a seguir ao rei?
Fará o mesmo que outros já fizeram!

¹³E verifiquei que a sabedoria
tem mais proveito que a insensatez;
é como o proveito da luz sobre as trevas.

O sábio e o ignorante

¹⁴O sábio tem olhos na cara,
mas o ignorante caminha nas trevas^b.
Porém, tive também de reconhecer
que uma mesma sorte os espera a todos.

¹⁵E eu disse em meu coração:
«A sorte que toca ao ignorante
tocar-me-á a mim também.
Para que me serve então
ter-me dado à sabedoria?»
E no meu coração declarei
que também isto é ilusão.

¹⁶Pois, nem para o sábio nem para o ignorante
há memória que dure sempre.
À medida que os tempos vão passando,
tudo se esquece;
e tanto morre o sábio como o ignorante.

¹⁷E fiquei a odiar a vida^c,
pois era cruel para mim aquilo que se faz debaixo do Sol.
Pois tudo é ilusão e apascentar o vento^d.

¹⁸E fiquei a odiar todas as minhas fadigas
com que andei afadigado debaixo do Sol,
porque tudo vou ter de deixar
ao homem que virá depois de mim.

^a Ou: *um mal de espírito*. Cf. 1,14 e nota.

^b Coélet parece estar a fazer aqui a citação de um ditado popular, que em seguida (vv. 14b-17) vai submeter à crítica da sua experiência.

^c Os verbos *amar* e *odiar* são usados em modo de polaridade, extremando e radicalizando o sentido em dimensões contrapostas, como se pode ver nas oposições semânticas do poema de 3,1-8. Por isso, há traduções que fazem matizes intermédios de sentido como: *e fiquei desgostado da vida*.

^d Ou: *um mal de espírito*. Cf. 1,14 e nota.

¹⁹E quem sabe se esse será sábio ou insensato?

Mas é ele que vai apoderar-se
de tudo aquilo em que tanto me afadiguei,
procedendo com sabedoria debaixo do Sol.
Também isto é ilusão.

²⁰E, no fundo do meu coração,
acabei por ficar desiludido por todas as fadigas
com que andei afadigado debaixo do Sol.

²¹Pois há alguém cujo esforço é feito com sabedoria,
conhecimento e sucesso
e tem de o entregar em herança
a um outro que não teve de se afadigar para isso.
Também isto é uma ilusão e uma grande maldade^e.

²²Pois que resta ao homem
de todas as suas fadigas e penas do seu coração,
com as quais se afadigou debaixo do Sol?

²³Pois todos os seus dias são de sofrimento
e as suas ocupações são de arrelia.
Nem de noite o seu coração descansa.
Também isto é ilusão!

²⁴Para o homem não há melhor
do que comer e beber
e fazer com que a sua alma encontre prazer nas suas fadigas.
Também aqui verifiquei
que é da mão de Deus que tudo isto vem.

²⁵Com efeito, quem pode comer e saborear,
sem vir da parte dele^f?

²⁶Pois ao homem que é bom diante dele
Ele dá sabedoria, conhecimento e alegria;
mas, ao pecador dá a preocupação
em recolher e acumular bens
para os deixar ao que é bom diante de Deus^g.
Também isto é ilusão e apascentar o vento^h.

^e *Uma ilusão e uma grande maldade* é uma outra fórmula de síntese, associando um novo conceito com o de ilusão (*hebel*).

^f O texto hebraico diz *quem pode comer e saborear sem ser por mim?* A frase faria sentido, entendida como uma declaração feita por Deus. Poderia aparecer aqui como uma citação. Na linguagem religiosa bíblica, seria lógica, mas sugeriria um registo de tipo mais profético. Ora, o Coélet pratica mais uma reflexão de base sapiencial, mas profundamente pessoal.

^g Ou: *a quem for bom diante dele*. Este versículo poderia conter mais uma citação de um provérbio conhecido naquele tempo.

^h Ou: *um mal de espírito*. Cf. 1, 14 e nota.

3 Tudo tem o seu tempo

- ¹Para tudo há um momento
e um tempo para cada propósito, debaixo do céu:
²tempo para nascer e tempo para morrer;
tempo para plantar e tempo para arrancar o que foi plantado;
³tempo para matar e tempo para curar;
tempo para destruir e tempo para edificar;
⁴tempo para chorar e tempo para rir;
tempo para lamentar e tempo para dançar;
⁵tempo para atirar pedras e tempo para juntar pedras;
tempo para abraçar e tempo para se afastar do abraço;
⁶tempo para procurar e tempo para perder
tempo para guardar e tempo para atirar fora;
⁷tempo para rasgar e tempo para coser;
tempo para calar e tempo para falar;
⁸tempo para amar e tempo para odiar;
tempo de guerra e tempo de paz.

O tempo e a eternidade

- ⁹Que proveito tem quem trabalha
naquilo em que se afadiga?
¹⁰Vi a tarefa que Deus deu aos filhos dos homens
para eles suportarem.
¹¹Ele fez tudo isto belo em cada tempo
e pôs nos seus corações a eternidade^a,
mesmo que o homem não consiga atingir
o sentido das obras que Deus fez,
desde o princípio até ao fim.
¹²Reconheci então que
não há melhor para eles do que alegrar-se
e conseguir o bem nas suas vidas.
¹³Mas também é verdade que,
para todo o homem que come e bebe
e vê o bem em todos os seus trabalhos,
isso é um dom de Deus.
¹⁴Reconheci que tudo aquilo que Deus faz,

^a A expressão *eternidade* é um conceito que, na Bíblia, significa a totalidade de tempo e espaço e pode significar igualmente *mundo* e *século*. A ideia principal aqui incluída é a de uma dimensão de amplitude e profundidade, que abarca tanto o passado como o presente e o futuro, como um mistério que nos é simultaneamente próximo e inabarcável. A própria consciência histórica está implicada nesta percepção do tempo inscrita *no coração*.

isso é para sempre;
 nada se lhe pode acrescentar
 e nada se lhe pode retirar.
 E Deus fez isso
 para terem temor na sua presença.
¹⁵ Aquilo que foi já tinha sido
 e aquilo que está para ser já antes foi.
 Mas Deus procura o que está desaparecido.

Destino comum dos mortais

¹⁶ Vi ainda debaixo do Sol
 que no lugar do direito estava o crime
 e no lugar do justo estava o criminoso.
¹⁷ Então disse no meu coração:
 «Deus há de julgar o justo e o criminoso,
 pois, ali^b, há um tempo para cada propósito/assunto
 e para tudo o que se faz».
¹⁸ Então eu disse no meu coração
 sobre a questão dos filhos dos homens:
 «Deus põe-nos à prova, para verem que
 por si mesmos são semelhantes aos animais.
¹⁹ Pois o destino dos filhos dos homens
 e o destino dos animais é um só para todos.
 Como morre um, assim morre o outro;
 a todos foi dado o mesmo espírito de vida
 e não existe vantagem nenhuma
 do homem sobre o animal,
 pois tudo é ilusão.
²⁰ Todos caminham para um mesmo lugar.
 Todos vieram do pó
 e ao pó todos hão de voltar.
²¹ Quem sabe se o espírito dos filhos do homem
 sobe para o alto; e se o espírito dos animais
 desce para as profundezas da terra?^c
²² E vi que para o homem não há melhor bem
 que o de se alegrar com as suas obras.

^b O *ali* sublinha o tempo do julgamento, sendo um eco do dia do Senhor, tal como referia a tradição profética. Não é ainda explícito que o Coélet esteja a referir-se a um julgamento que se realizasse no além.

^c O tom desta pergunta parece mais negativo do que aquele com que termina o poema de encerramento do livro (12,7).

Esta é a porção que lhe cabe.
Com efeito, quem poderá fazê-lo voltar para ver como será depois dele?»

4 As lágrimas dos oprimidos

¹Voltei de novo a contemplar
todas as opressões que se cometem debaixo do Sol,
as lágrimas dos oprimidos.

E não têm quem dê conforto.

Da mão dos seus opressores é a violência;

e não têm quem dê conforto.

²Considero felizes os mortos
que já partiram desta vida
mais que aqueles que ainda estão vivos.

³E melhor que ambos
é o que ainda não existe,
pois não vii as más ações
que se fazem debaixo do Sol.

⁴E vi também toda a fadiga
e toda a obra de sucesso,
pois são motivo de inveja de um para com o outro.
Também isto é ilusão e apascentar o vento^a.

⁵O insensato cruza os braços
e consome a sua própria carne.

⁶É melhor uma mão cheia de sossego
que duas mãos cheias de fadigas
e de apascentar o vento^b.

Vida partilhada

⁷E voltei de novo a ver
mais uma ilusão debaixo do Sol.

⁸Existe alguém que não tem nenhum outro,
não tem um filho nem um irmão.

E não há um fim para toda a sua fadiga
nem os seus olhos se fartam de riqueza.

«Mas para quem me afadigo eu
e privo a minha alma do bem-estar?»

Também isto é uma ilusão e uma dura tarefa.

⁹É melhor serem dois do que um só,

^a Ou: *um mal de espírito*. Cf. 1,14 e nota.

^b Ou: *um mal de espírito*. Cf. 1,14 e nota.

pois terão melhor recompensa da sua fadiga.

¹⁰Com efeito, se eles caírem,
cada um levanta o seu companheiro.

Mas se é um sozinho que cai,
não tem um segundo para o levantar.

¹¹De igual modo, se se deitarem dois juntos,
haverá aquecimento para eles.

Mas um só, como pode aquecer-se?

¹²E se alguém agride um,
os dois podem resistir contra ele.
Pois uma corda tripla não quebra tão depressa.

A ilusão do poder

¹³É melhor um menino pobre, mas sábio,
que um rei velho, mas insensato,
que já não tem mais discernimento.

¹⁴Pois o jovem saiu da prisão para ser rei,
mesmo se nasceu pobre no reinado do outro.

¹⁵Vi que todos os viventes
que vagueiam debaixo do Sol
estavam com o menino,
o segundo que se erguia em lugar do outro.

¹⁶Era uma multidão sem fim de gente
que ele tinha na sua frente^c.
Mas os que vinham depois
não estavam contentes com ele.
Pois também isto é ilusão e apascentar o vento^d.

Atitudes religiosas

¹⁷Está atento aos teus passos
quando fores à casa de Deus.
Aproxima-te para escutar,
em vez de oferecer sacrifícios como os insensatos,
pois estes não sabem
que estão a fazer mal^e.

^c Outra alternativa textual: *à frente das quais ele estava.*

^d Ou: *um mal de espírito.* Cf. 1,14 e nota.

^e O espírito desta pericope até 5,6 soa em harmonia com o discurso tradicional dos profetas (Is 1,10-20).

S¹ Não seas precipitado com a tua boca
e que o teu coração não se apresse
em proferir palavras diante de Deus,
pois Deus está nos céus
e tu estás sobre a terra.

Portanto, sejam poucas as tuas palavras.

² Com efeito, os pesadelos vêm
com as muitas preocupações
e a voz do insensato
vem com as muitas palavras.

³ Quando fizeres uma promessa a Deus,
não tardes em pagá-la,
pois não há benevolência para os insensatos.
Aquilo que prometes, paga-o.

⁴ É melhor não fazeres promessas
que prometeres e não pagares.

⁵ Não permitas que a tua boca
leve o teu corpo a pecar
e não digas diante do mensageiro^a
que foi por engano,
para Deus não se irritar com as tuas palavras,
fazendo fracassar a obra das tuas mãos.

⁶ Quando há muitos sonhos e ilusões e muitas palavras,
tu, preocupa-te com o temor de Deus.

Pobreza e riqueza

⁷ Se vires no país^b a opressão do pobre
e a violação do direito e da justiça,
não te admires por causa desse assunto.
Pois um grande guarda outro grande
e outros grandes estão acima deles.

⁸ E o proveito do país está em tudo isso.
Um rei é servido pelo campo^c.

⁹ Aquele que ama o dinheiro

^a Não é muito explícito de que mensageiro se trata. Um anjo (Tb 12,12)? Um sacerdote em função litúrgica (Ml 2,7)? Ou mesmo Deus, referido numa função sintática equivalente na linha seguinte?

^b Lit.: *na província*, talvez deixando assim entrever o estatuto de província administrativa que a Judeia tinha durante a governação dos Ptolemeus, na condição de o texto do Coélet ser dessa época.

^c Ou: *até o rei está dependente de um campo*. O hebraico desta passagem é de tradução difícil.

não se satisfaz com o dinheiro^d;
e quem ama ter muito,
isso não virá ao seu encontro.
Também isto é ilusão.

¹⁰Onde abundam os bens,
abundam os que os devoram.
E que vantagem têm os seus donos,
para além de pôr neles os seus olhos?

¹¹Doce é o sono do trabalhador,
tenha ele pouco ou muito que comer;
mas ao rico, a barriga cheia
não lhe dá descanso para dormir.

¹²Há uma outra desgraça terrível
que eu vi debaixo do Sol.
É a riqueza armazenada pelos seus donos,
para sua própria desgraça.

¹³Aquela riqueza perdeu-se num mau negócio;
e se teve um filho, este fica sem nada nas suas mãos.

¹⁴Assim como saiu do ventre da sua mãe,
nu voltará a partir, tal como veio
e, do seu esforço, quando partir,
nada levará na sua mão.

¹⁵Também isto é uma desgraça terrível
que, da maneira que veio, assim há de partir.
E que proveito lhe vem de se ter afadigado pelo vento?

¹⁶E assim consumirá todos os seus dias na escuridão,
muitas arrelias, sofrimento e amargura.

¹⁷Eis aquilo que eu verifiquei que é bom e belo
comer e beber e sentir-se bem
em todas as fadigas com que cada um se afadiga debaixo do Sol
nos contados dias da vida que Deus lhe deu,
pois é essa a porção que lhe cabe.

¹⁸De igual modo, para qualquer homem
a quem Deus concedeu riqueza e rendimentos
e o autorizou a comer deles,
desfrutando da sua parte
e sentindo-se feliz nas suas fadigas,
também isso é um dom de Deus.

^d Ou: *não se vai fartar de dinheiro.*

¹⁹Assim, o homem não tem tanto que lembrar
os dias da sua vida,
porque Deus o preenche
com a alegria do seu coração.

6 Infelicidades neste mundo

¹Há uma desgraça que eu vi debaixo do Sol
e que é bem pesada que ela é sobre os humanos.

²É um homem a quem Deus concedeu
bens, riquezas e honrarias
e nada lhe falta de tudo aquilo que pode desejar.
Porém, Deus não o autorizou a comer deles,
pois é um estranho que lhos vem comer.
Isto é uma ilusão e um sofrimento cruel.

³Mesmo que um homem tenha tido cem filhos
e viva grande número de anos,
se a sua alma não se saciou com esses bens
e nem sequer uma sepultura chegou a ter,
tenho a dizer que melhor que ele é um aborto.

⁴Este veio como uma ilusão e para a escuridão se vai;
e na escuridão o seu nome fica encoberto;

⁵não chegou a ver o Sol nem teve conhecimento,
mas este último tem mais descanso que o outro.

⁶E ainda que alguém vivesse mil anos duas vezes,
não dava para ver a felicidade,
já que para um mesmo lugar todos se encaminham.

⁷Todas as fadigas do homem são para a sua boca
e, no entanto, o seu apetite não fica preenchido.

⁸Pois, que vantagem tem o sábio mais que o insensato
ou mais que o pobre
aquele que sabe como caminhar entre os vivos?

⁹É melhor aquilo que os olhos veem
que o vaguear dos desejos.

Também isto é ilusão e apascentar o vento^a.

¹⁰Daquilo que existiu já foi dito o seu nome.
E sabe-se bem o que é um homem:
não pode entrar em litígio
com quem é mais forte do que ele.

^a Ou: *um mal de espírito*. Cf. 1,14 e a nota.

- ¹¹ Quando há muitas palavras, multiplica-se a ilusão.
Que vantagem há para o homem?
- ¹² Pois quem sabe o que é melhor para a vida do homem
nos poucos dias da sua vida de ilusão,
que ele cumpre como uma sombra?
Pois quem poderá anunciar ao homem
o que vai acontecer, depois dele, debaixo do Sol?

7 Máximas da sabedoria

- ¹ É melhor um bom nome que um bom perfume;
e o dia da morte de alguém é melhor que o do seu nascimento.
- ² É melhor ir a uma casa de luto
que ir a uma casa de banquete,
pois tal é o fim de todos os humanos.
É que os vivos ponham isto no seu coração.
- ³ É melhor a ira que o riso,
pois a dureza do rosto faz bem ao coração.
- ⁴ O coração dos sábios está na casa de luto,
e o coração dos insensatos está na casa da alegria.
- ⁵ É melhor ouvir a reprimenda de um sábio
que ouvir a cantiga dos insensatos.
- ⁶ Pois como barulho da lenha debaixo da panela
assim é o riso do insensato.
E também isto é ilusão.
- ⁷ Pois a pressão torna o sábio insensato
e o suborno faz perder o discernimento.
- ⁸ É melhor o fim de uma coisa do que o seu começo;
é melhor a paciência que a altivez.
- ⁹ Não deixes que o teu espírito seja levado à ira,
pois é no peito dos insensatos que a ira se aloja.
- ¹⁰ Não perguntes por que é que os dias antigos
eram melhores que estes,
pois não seria por sabedoria
que farias essa pergunta.
- ¹¹ É boa a sabedoria com uma herança^b;
é uma vantagem para os que veem a luz do Sol.
- ¹² Estar à sombra da sabedoria é estar sombra do dinheiro.

^b Esta tradução parece bem adequada ao texto e à lógica do Coélet. Há, no entanto, quem traduza: *A sabedoria é melhor que uma herança*. Ou ainda: *A sabedoria é boa como uma herança*.

Pois o proveito de conhecer a sabedoria
é que ela dá vida aos que a têm.

¹³Contempla a obra de Deus.

Quem é que pode endireitar
aquilo que Ele fez encurvado?

¹⁴No dia da felicidade sê feliz,
mas no dia da desgraça repara bem
que foi Deus quem fez ambas as coisas,
assim contrapostas uma à outra,
de modo que o homem não pode descobrir
nada do que acontecerá depois.

¹⁵De tudo eu vi nos meus dias de ilusão:
há um justo que morre na sua justiça
e há um malfeitor que continua na sua maldade.

¹⁶Não queiras ser demasiado justo
nem te mostres sábio demais.
Para quê arruinares-te?

¹⁷Não exageres na maldade
e não sejas insensato.
Para quê morreres antes da tua hora?

¹⁸Bom é que te agarres a isto,
mas também não largues a tua mão daquilo.
Pois o que tem temor de Deus
sai-se bem de todas as coisas.

¹⁹A sabedoria torna o sábio mais forte
que dez chefes que estejam numa cidade.

²⁰Pois não há nenhum homem justo sobre a terra
que faça o bem sem nunca pecar.

²¹Por isso, não abras o teu coração
a todas as palavras que se dizem,
para não ouvires o teu servo a falar mal de ti.

²²O teu coração sabe que também tu
muitas vezes falaste mal dos outros.

²³Tudo isto tentei comprovar com a sabedoria
e disse: «Vou tornar-me sábio»,
mas ela está longe de mim.

²⁴É distante o que aconteceu;
e é profundo, profundo.
Quem o pode alcançar?

- ²⁵Dei voltas, pondo o meu coração no conhecimento e correndo à procura da sabedoria e do entendimento, ficando a saber que o malfeitor é insensato e a insensatez é loucura.
- ²⁶E assim eu descobri que a mulher é mais amarga do que a morte; toda ela são armadilhas; o seu coração é uma rede e as suas mãos são laços. Aquele que agrada a Deus livra-se dela, mas o pecador será apanhado por ela.
- ²⁷Vê bem aquilo que eu encontrei – dizia o Coélet –, procurando encontrar um sentido em cada coisa.
- ²⁸Outra coisa ainda procurou a minha alma e não encontrei: entre mil homens encontrei apenas um; e não encontrei uma mulher entre todas elas.
- ²⁹Vê bem a única coisa que eu encontrei: Deus criou os homens retos, mas eles procuraram enredos sem fim.

8 Consciência humana

- ¹Quem é como o sábio?
E quem conhece a explicação das coisas?
A sabedoria do homem ilumina o seu rosto e transforma a dureza da sua face.
- ²Por mim, cumpre a ordem do rei, por causa do juramento feito a Deus^b.
- ³Não te apresses a fugir da sua presença, não insistas em praticar o mal, pois ele pode fazer tudo o que lhe apraz^c.
- ⁴É que a palavra do rei é soberana e quem lhe vai dizer: «Que estás a fazer?»
- ⁵Quem cumpre o que está mandado não conhecerá mal algum; o coração do sábio conhece o tempo e o direito.

^a Ou: *de uma palavra*.

^b A expressão hebraica *por causa do juramento de Deus* pode entender-se como: *o juramento feito a Deus*, para confirmar um juramento de fidelidade ao rei por parte dos súbditos. Pode também entender-se como: *o juramento de Deus*, a confirmar a autoridade do rei.

^c Afastar-se do rei poderia ser uma forma metafórica de se referir a movimentações graves de rebelião ou conspiração.

⁶Pois para cada propósito/desejo existe um tempo e um direito; mas a maldade do homem pesa duramente sobre ele.

⁷É que ele não conhece o que há de acontecer.
Pois quem lhe pode anunciar quando vai acontecer?

⁸Nenhum homem tem poder sobre o espírito de vida, ninguém pode aprisionar o espírito; ninguém tem poder sobre o dia da morte; ninguém está dispensado deste combate e nenhum crime deixa livre os que o praticam.

⁹Tudo isto eu vi e apliquei o meu coração a considerar tudo o que se faz debaixo do Sol, num tempo em que um homem domina sobre outro homem para sua desgraça.

Contingências de vida

¹⁰E assim vi malfeitores serem sepultados e, ao saírem do lugar sagrado, prestavam-lhes homenagem^a, na cidade onde tinham praticado tais coisas. Também isto é ilusão.

¹¹Como a sentença contra um crime não é logo aplicada, por isso o coração dos humanos enche-se de vontade de fazer o mal.

¹²O pecador comete cem vezes o mal e tem vida prolongada.
No entanto, eu bem sei que o bem-estar é para os que temem a Deus, que vivem com temor na sua presença.

¹³Mas não haverá bem-estar para o malfeitor; e não poderá prolongar os seus dias como a sombra, pois não vive com temor na presença de Deus.

¹⁴Há uma ilusão que se experimenta sobre a terra. É que há justos a quem toca a sorte dos malfeitores e há malfeitores a quem toca a sorte dos justos. E eu digo que também isto é ilusão.

¹⁵Por isso, quero louvar a alegria, pois não há melhor para os humanos, debaixo do Sol, que comer e beber e regozijar-se. É isto que o acompanha nas suas fadigas, nos dias da sua vida

^a Tradução segundo alguns manuscritos. Segundo outros: *esqueciam-se deles*.

que Deus lhe deu, debaixo do Sol.

¹⁶Então apliquei o meu coração a conhecer a sabedoria e a observar as tarefas que se realizam sobre a terra; nem de dia nem de noite, vê o sono passar pelos seus olhos.

¹⁷E contemplei toda a obra de Deus, e vi que os humanos não conseguem atingir tudo aquilo que se realiza debaixo do Sol. Por muito que o homem se afadigue a procurar, não o atingirá. E, mesmo que o sábio declare conhecê-lo, não conseguirá atingi-lo.

9 O destino comum

¹Na verdade, pus tudo isto no meu coração e de tudo pude apurar que os justos e os sábios bem como os seus trabalhos estão nas mãos de Deus. Se é amor ou se é ódio, os humanos não conseguem saber. Está tudo igualmente diante deles.

²Tudo acontece a todos por igual ao justo e ao malfeitor, ao bom, ao puro e ao impuro, ao que oferece sacrifícios e ao que não oferece; é tanto para o honesto como para o pecador, para o que faz juramento e para o que recebe o juramento.

³O pior mal em tudo o que se faz debaixo do Sol é que uma mesma coisa aconteça a todos. Além disso, o coração dos humanos está cheio de maldade; é só loucuras nos seus corações ao longo da sua vida; e o seu futuro é ir ao encontro dos mortos.

⁴Pois quem está ligado aos vivos tem alguma segurança e é melhor ser um cão vivo do que um leão morto.

⁵Quanto aos vivos, sabem que hão de morrer, mas os mortos, esses não sabem nada e já não existe para eles recompensa, porque a sua memória foi esquecida.

⁶O seu amor, o seu ódio e os seus ciúmes, isso já se perdeu e não mais voltarão a tomar parte

em tudo o que se faz debaixo do Sol.

⁷Anda! Come com alegria o teu pão
e bebe de coração alegre o teu vinho,
pois Deus já mostrou agrado pelas tuas obras.

⁸A todo o tempo, sejam brancas as tuas roupas
e não falte o óleo perfumado na tua cabeça.

⁹Desfruta a vida com a mulher que amas,
todos os dias da tua vida de ilusão,
que te foi dado viver debaixo do Sol.
Esta é a parte que te cabe na vida e nas tuas fadigas,
com que tanto te afadigas debaixo do Sol.

¹⁰Tudo o que a tua mão conseguir fazer,
procura fazê-lo com o teu entusiasmo,
pois não há realizações nem planos,
não há conhecimento nem sabedoria
no mundo dos mortos
para o qual tu vais caminhando.

Situações absurdas

¹¹Voltei a contemplar debaixo do Sol
que a corrida não é para os ágeis
nem é para os heróis o combate,
bem como não é para os sábios o pão,
nem para os inteligentes a riqueza;
também o favor não é para os sabedores,
porque o tempo e as circunstâncias
os afetam a todos eles.

¹²Também o homem desconhece a sua hora;
como os peixes que são apanhados na rede fatal
e como os pássaros apanhados na armadilha,
assim são surpreendidos os humanos na hora fatal,
quando ela cai sobre eles de improviso.

¹³Mais uma questão de sabedoria observei debaixo do Sol,
que é demasiado elevada para mim.

¹⁴Havia uma pequena cidade
com poucas pessoas a viver nela;
contra ela veio um grande rei, que a cercou
e ergueu contra ela grandes baluartes.

¹⁵Ora encontrava-se nela um homem pobre e sábio
e foi ele que livrou a cidade com a sua sabedoria,

mas ninguém mais recordou aquele homem pobre.

¹⁶Por isso, eu declaro

que a sabedoria vale mais que a bravura,
mesmo que a sabedoria do pobre seja desprezada
e as suas palavras não sejam ouvidas.

¹⁷As palavras dos sábios ditas com calma são escutadas
mais que a gritaria de um chefe no meio de insensatos.

¹⁸É melhor a sabedoria que as máquinas de guerra,
mas um só que erra deita a perder muita coisa boa.

10 **Pensamentos de sabedoria**

¹Moscas mortas infetam e estragam
o óleo do perfumista;
é mais cara uma pequena insensatez
do que a sabedoria e a honra.

²O coração do sábio está à sua direita;
e o coração do insensato, à sua esquerda^a.

³Pelo caminho, quando o louco vai caminhando,
falta-lhe bom senso
e vai dizendo de todos: «Aquele é louco!»

⁴Se a fúria do soberano cai sobre ti,
não deixes o teu lugar
pois a calma é remédio para grandes males.

⁵Há um outro mal que observei debaixo do Sol,
um erro que costuma vir da parte de quem governa.

⁶É o de colocar insensatos em lugares cimeiros,
enquanto os mais dignos e valiosos ficam abaixo.

⁷Vi servos montando a cavalo,
e príncipes em terra, andando a pé como servos.

⁸Aquele que cava um fosso vai cair nele
e quem derruba um muro será mordido por uma serpente.

⁹O que transporta pedras fere-se com elas;
aquele que racha lenha corre riscos com isso.

¹⁰Se o machado fica embotado e não se afia o corte,
obriga a multiplicar os esforços;
o proveito está em saber usar a sabedoria.

^a As duas direções pretendem exprimir os caminhos opostos de ambas as personagens. O coração é sede psicológica da inteligência e da vontade e, por isso, dos comportamentos.

¹¹Se a serpente morder, porque o encanto não fez efeito,
não tem proveito o encantador.

¹²As palavras da boca dos sábios são apreciadas,
mas os lábios dos insensatos causam-lhes a ruína.

¹³O início das suas palavras é insensatez
e o fim do seu discurso é um grande desvario.

¹⁴O insensato multiplica as palavras,
mas o homem não sabe aquilo que virá a acontecer.
E quem lhe anunciará aquilo que será depois dele?

¹⁵Ao insensato, a fadiga esgota-o de tal modo
que nem sabe como pode ir para a cidade.

¹⁶Ái de ti, país que tens como rei uma criança
e príncipes que, desde manhã, fazem comezainas!

¹⁷Feliz de ti, país que tens um rei de nobre nascimento
e príncipes que comem em devido tempo,
para se restabelecerem e não para se embriagarem.

¹⁸Por negligência dos braços se abate a trave mestra
e por indolência das mãos chove dentro de casa.

¹⁹Para festejar faz-se um banquete
e o vinho dá alegria à vida,
mas é o dinheiro que responde por tudo.

²⁰Não critiques o rei nem na tua consciência
e não critiques o rico nem no teu quarto de dormir,
pois algum pássaro pode encaminhar a voz
e alguma ave pode anunciar a palavra.

11 Saber arriscar

¹Lança o teu trigo sobre a superfície do mar
que, depois de muitos dias, o hás de recuperar^a.

²Divide os bens em sete ou oito partes,
pois não sabes que calamidade pode acontecer no país.

³Quando as nuvens estiverem cheias,
despejam a chuva sobre a terra;
a árvore pode cair para sul ou para norte;
o lugar para onde a árvore cair, ali mesmo ficará.

⁴Aquele que observa o vento não semeia

^a Trata-se, possivelmente, de uma referência a algum investimento em atividades comerciais realizadas por mar. Com efeito, o v. seguinte aconselha a diversificar os investimentos.

e o que olha para as nuvens não ceifa.

⁵Tal como desconheces qual o caminho
tanto do espírito como dos ossos
no ventre de uma grávida,
assim também desconheces a obra de Deus
que faz todas as coisas.

⁶De manhã, semeia a tua semente
e, de tarde, não dês descanso às tuas mãos,
pois não sabes qual resultará melhor,
se este, se aquele trabalho,
ou se ambos ficam igualmente bons.

⁷A luz é agradável
e é um prazer para os olhos
poder ver o Sol.

⁸Se o homem viver muitos anos,
que os possa desfrutar todos com alegria,
mas que se lembre dos dias de escuridão,
que serão numerosos também.
Tudo o que acontece é ilusão.

Sobre a juventude

⁹Jovem, alegra-te na tua mocidade
e que o teu coração te faça feliz
nos dias da tua juventude.
Segue pelos caminhos do teu coração
e pelo horizonte dos teus olhos
e fica sabendo que, a respeito de todas estas coisas,
Deus te levará a julgamento.

¹⁰Deita fora as preocupações do teu coração
e afasta o sofrimento do teu corpo,
porque a mocidade e a meninice^b são uma ilusão.

12 Sobre a velhice

¹E lembra-te do teu criador,
nos dias da tua juventude,
enquanto não chegam os dias de calamidade^c

^b Ou: *e os cabelos negros*. O aramaico lê este termo abstrato como derivado do adjetivo “negro” (*shahor*).

^c Este poema encerra literariamente o conjunto de reflexões sobre a experiência humana. Ele corresponde ao poema de abertura (1,2-11). Desde a tradição hermenêutica judaica antiga, ele é entendido como uma espécie de alegoria da progressiva decrepitude humana que culmina na velhice.

e se aproximem os anos dos quais há de dizer:

«Não sinto neles nenhum interesse»;

² enquanto não se escurece o Sol
bem como a luz, a Lua e as estrelas
e voltem de novo as nuvens, depois da chuva;

³ quando as sentinelas da casa a tremer
e se encurvam os homens fortes;
quando desistem as que moem, por terem diminuído
e ficam às escuras as que espreitam pelas janelas;

⁴ quando se fecham os portões da praça
e se afrouxa a voz do moinho;
quando se levanta ao piar de um pássaro^a
e se calam todas as vozes da canção;

⁵ quando começam a ter medo das alturas
e dos obstáculos no caminho;
quando a amendoeira se põe em flor,
o gafanhoto mal se mexe e a alcaparra perde a força.
Assim o homem se encaminha para a sua morada eterna
e os carpideiros dão voltas pelas ruas.

⁶ Até que se retire o fio de prata
e a taça de ouro se parta;
até que se quebre o cântaro junto à fonte
e a roldana se precipite para o fundo do poço.

⁷ Então, o pó voltará à terra como era dantes
e o espírito voltará para Deus, que o deu.

⁸ Diz o Coélet: «Ilusão das ilusões! Tudo é ilusão!»

Epílogos^b

⁹ Para além de ser sábio,
Coélet ensinou o conhecimento ao povo:
escutou, investigou e compôs numerosos provérbios.

¹⁰ Coélet procurou encontrar palavras de agrado
e escrever com exatidão palavras de verdade.

¹¹ As palavras dos sábios são como agulhões
e autores de coleções são estacas bem firmes,
colocadas por um único pastor.

^a Outros traduzem: *e se afasta o canto dos pássaros*.

^b Este texto final parece conter dois epílogos diferentes; um primeiro, recapitulando a personagem do mestre, Coélet; um segundo, concluindo com uma chave algo diferente das ideias do Coélet.

¹²E mais do que isto, meu filho, presta atenção!

Fazer muitos livros nunca tem fim
e o muito estudar desgasta o corpo.

¹³A conclusão deste discurso, depois de tudo ouvido,
é que tenhas temor de Deus e guardes os mandamentos,
pois é nisto tudo que consiste ser homem.

¹⁴Pois Deus leva a julgamento tudo o que se faz,
tudo o que está escondido, seja bom ou mau.

PARALELOS

1,2: Sl 62,10; Rm 8,20. | **1,4:** Sir 14,18. | **1,7:** Sir 40,11. | **1,8:** Pr 27,20. | **1,9:** Co 2,12; 3,15. | **1,13:** Gn 3,17-19; Co 3,10.
| **1,14:** Os 12,2. | **1,18:** 1Rs 3,12; 5,9s; 10,1-13; Sir 47,14-18.
2,2: Pr 4,13. | **2,4:** 1Rs 7,1-12; 1Cr 22,27s. | **2,8:** 1Rs 9,28; 10; 11,1-3. | **2,9:** 1Rs 10,23. | **2,14:** Co 10,2; 1Jo 2,10s. |
2,16: Sl 49,11; Sb 2,4; Co 1,11; Sir 44,8-15. | **2,24:** Co 3,12s.22; 5,17; 8,15; 9,7s. | **2,26:** Jb 27,16s; Pr 13,22.
3,11: Sl 139,17; Co 8,17; 11,5; Sir 11,4; 18,6; Is 55,8s; Ro 11,33. | **3,19:** Sl 49,13.21; Mt 12.12. | **3,20:** Gn 2,7; 3,19; Sl
104,29; Jb 34,15; Pr 15,24; Co 12,7; Sir 16,29s.
4,2: Jb 3,11-23; 10,18-22; Co 6,3; Jr 20,17.18. | **4,5:** Pr 6,9-11. | **4,9:** Lc 10,1. | **4,13:** Co 9,15. | **4,14:** Sir 11,5.
6,2: Co 2,18; Lc 12,20. | **6,3:** Jb 3,11. | **6,12:** Sl 39,7; 90,10; 102,12; 109,23; Jb 8,9; 14,2.
7,9: Jz 1,19; Pr 22,24. | **7,10:** Sir 39,16.33s. | **7,20:** Jb 14,4; 1Jo 1,8s. | **7,26:** Pr 5,3s; Sir 9,1-9; 25,19.24.
8,2: Ro 13,1s. | **8,8:** Sb 2,1. | **8,14:** Sl 73; Jr 12,1s. | **8,15:** Co 2,24. | **8,17:** Co 3,11.
9,2: Co 7,15; 8,14. | **9,7:** Co 2,24. | **9,9:** Co 5,15. | **9,12:** Lc 12,20. | **9,16:** Pr 21,22; 24,5; Co 7,19.
10,1: Gl 5,9. | **10,6:** Pr 19,10; 30,22. | **10,8:** Sl 7,16; Pr 26,27; Sir 27,26s. | **10,12:** Pr 10,32; 15,2. | **10,14:** Co 8,7. |
10,16: Pr 31,4-7. | **10,19:** Jz 9,13; Sl 104,15. | **10,20:** Ex 22,27; Lc 12,2s.
11,5: Sl 139,13-16; Co 3,11; Jo 3,8.
12,5: Ct 2,11. | **12,7:** Gn 2,7; Co 3,20s.